

## Dois silêncios, uma palavra

Ricardo Martins Valle<sup>1</sup> 

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) – Brasil

[ricardomartins.valle@uesb.edu.br](mailto:ricardomartins.valle@uesb.edu.br)

---

© fólio – Revista de Letras 2024. Licença/Licence: [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

---

Para a **fólio**, 2023 foi um ano de silêncio.

Nos primeiros dias de dezembro de 2023, perdemos nosso colega e amigo, Márcio Roberto Soares Dias, professor titular do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários (DELL) e do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGCEL).

Desde 2009, Márcio foi membro do Corpo Editorial de **fólio**, tendo sido por mais de dez anos seu Editor-Chefe, a garantir a excelência e regularidade dessa publicação de rigor e beleza. Foi sob sua Editoria que a Revista atingiu seus melhores patamares de avaliação, com centenas de artigos publicados, milhares de acessos todos os anos e uma presença cada vez maior no ambiente dos estudos linguísticos e literários.

Mas Márcio não pautava suas dificuldades pessoais. Sua atitude discreta não nos permitiu supor a gravidade de seu estado de saúde ao longo do último ano. Sem pedir afastamento das atividades docentes e acadêmicas, não deixou de concluir um único semestre de aulas na graduação, nem na pós, encerrando o período letivo com as aulas dadas, as atividades corrigidas e as cadernetas fechadas! Como bom professor que era, partiu com o dever cumprido. Por essa razão, muitos de nós só soubemos de seu estado de saúde poucos meses antes de sua partida. Alguns sequer sabíamos pelo que atravessava sua vida até a triste notícia de sua travessia.

A injustificável surpresa causou em todos nós a perplexidade de sua falta. Foi num fim de tarde, após a última aula do semestre, naquela última sexta-feira letiva do ano, pela voz do professor Ronei Guaresi, coordenador do Colegiado de Letras: assim me encontrou a triste notícia. Chega a ser incrível o simbolismo dessa partida num dia tão exato para quem leciona. Um susto, porém, anunciado. Uma culpa atravessada no peito por cada gesto que deixamos para depois, entre promessas apressadas e o aceno vão num sinal fechado. “Vivemos, de modo incorrigível, distraídos das coisas mais importantes”, que é o nos faz ver o espelho, em Guimarães Rosa.

Fomos, porém, amigos relapsos talvez. Sua confiança estoica deixou mesmo os colegas mais próximos, tranquilos de que tudo correria bem, na certeza de que o

procedimento seríssimo pelo qual aguardava seria pleno e eficaz. Insensatamente sinto que eu mesmo esperei por seu restabelecimento como se se tratasse de uma simples encomenda longamente aguardada, e que tudo resolveria. Tal era a tranquilidade com que, num encontro de corredor, entre aula e outra, Márcio me explicou sobre seu estado e sua espera. *Nec metus nec spes*: uma certeza do que há de ser, porque já é.

Por isso a Revista se calou.

De 2023 ficou um silêncio para a **fólio**. Um silêncio que ao menos honra nosso amigo e professor. Uma falha que é nossa. Uma lacuna que demonstra a falta que faz e que fará a sua condução no enorme esforço coletivo que discretamente ele regia, sem que déssemos por isso. Enfim, e o mais triste e injusto em tudo isso: sua partida precoce deixou sem pai a pequena Elis, que nem dez anos tinha. Sem pai? Não! "A vida é uma só. A sua continua/ Na vida que você viveu", como diz o verso de Manuel Bandeira à morte do amigo.

2024 se inicia, entre nós, rebuscando *as margens da alegria*.

Em março, o DELL teve sua primeira reunião presencial desde o fatídico março de 2020. Uma confraternização foi finamente orquestrada por nossa Diretora, a professora Fabiana Andrade Santos, e por nossa Secretária, Fernanda Prates Santana, quem finalmente havia sido efetivada como servidora, graças ao empenho e competência da primeira. Naquele dia, foi transmitida a Editoria da **fólio**, ainda sob o impacto da ausência de nosso colega, nosso amigo. Assim, no início de abril, assumimos a Revista eu e a professora Fernanda de Castro Modl, Editora Adjunta, com tudo ainda por aprender.

A direção competente e generosa de Fabiana prometia leveza e produtividade na retomada do ano letivo. Um ano para muitas curas. Menos de um mês depois daquela anelada confraternização, em que todos nos revimos, novamente juntos e em presença, fomos surpreendidos pela partida inesperada-inexplicável de nossa jovem querida Diretora, Fabiana, quando completava um ano à frente do Departamento.

A conjunção incomum de alegria, competência e generosidade em Fabiana sugeria que todos os nossos problemas, todas as nossas demandas, todos os nossos projetos profissionais não poderiam estar em melhores mãos para o recomeço. Seu sorriso esfuziante, sua positividade contagiosa, suas habilidades práticas, seu conhecimento técnico nos deixou órfãos.

Outra vez. Outra voz silenciada - "*anzi tempo chiamata all'altra vita*", como num verso de Petrarca. Ressoa sobre as nuvens assustadas o lampejo da prometida traição que a vida traz consigo, com travo amargo, em bastando o estar vivo.

O luto duplicado nos rouba novamente o sentido, desorienta: sequestra a direção e esvazia. O tempo trota indiferente a cada flor, aberta ou em botão, colhida ou ofertada. A dor reembota nossa ação, outra queda despedaça as pétalas da vontade. O acaso acorda abismos.

Tudo então - tanto empenho, pessoal e coletivo, em sua flor mais fina – terá que fim e que destino? A falta – trágica – de sentido ameaça nossa rota retomada. Remo partido, leme sem roda. O silêncio de uma nau sem velas pandas. Outra vez perdemos a voz e o sentimento de um rumo. Num mundo em linhas tortas, certezas errantes: é tudo então impermanência? veleidades, os mais nobres projetos? Perdemos duplamente o sentido: subitamente o vazio, significativo sem significado, e um desnorte revoltante, caminho sem direção; redemoinhos.

Com tudo e entre tanto – que é tanta coisa, e que é nada –, esta palavra que aqui se introduz devia apresentar outras vozes e palavras; vozes alheias em palavras exatas: palavras douradas sobre palavras ditas, em vozes colhidas ou inventadas, entre os silêncios, enfim, que as palavras envolvem, sons reverberados nos desenhos sinuosos do silêncio da escrita, e da leitura que as invoca.

Uma **Apresentação** deveria ser, assim, a palavra prévia a anunciar o falado e que já está escrito, diálogos conexos, vertentes e interfaces de debates em aberto, convergentes: uma palavra introdutória que esboçasse a unidade do diverso, tramando sentidos correlatos, que extraísse de uma culta algaravia um artefato de harmonia, ou coral. Poderia suprir-se de protocolo na fria formalidade da ocasião, poderia fingir-se distraída do *fato*, aceitar a cena e o ato, sem deixar revelar que o que de fato faz é momentaneamente segurar esse pequeno feixe de vozes alheias, cada qual a esboçar o estado da arte, o pé e a medida de uma questão. Nem promessa nem lamento: uma palavra que soasse, para encher o silêncio só para a ele retornar.

Mas, a **fólio** é uma publicação dedicada à representação de todas as vozes e silenciamentos, aberta ao estudo da linguagem em suas práticas mais diversas: seus usos menores e maiores, seus empenhos educacionais e seus artefatos de expressão, suas válvulas para o múltiplo e para o uno, seus dispositivos de invenção e intervenção.

No tempo da reprodutibilidade técnica, não da arte da invenção, mas da mentira mais perversa, nesta época da viralização algorítmica do comportamento alienado e das ferramentas digitais da “trolagem” a serviço de retrocessos fascistas que como “apitos de cachorro” cooptam mentes e práticas, um espaço como a **fólio** repactua compromissos

da atuação acadêmica reforçando a necessidade ético-política das ciências das humanidades e a pertinência prática e efetiva dos estudos da linguagem.

Trata-se de uma **Revista de Letras** aberta ao estudo da linguagem seja por seu poder de opressão, sob a superfície da normalidade normativa, seja pela mais digna vontade de poder, latente em todos os devires. Uma publicação, enfim, mantida viva pela força da palavra em ação, a fornecer instrumentos críticos para a efetivação dos improváveis mais possíveis e para a invenção do impossível nas suas formas mais prováveis, de verossimilhanças sonhadas e temidas, buscadas e produzidas, com amor e com rigor, no uso ético e livre da linguagem.

Sem temor de confessar essa *filia*, esse amor de amizade nas trilhas de saber, em nome de toda a Editoria da **fólio**, agradeço profundamente os audaciosos autores cujas palavras e silêncios recobrem este primeiro número do 15º volume desta Revista de estudos linguísticos e literários: Tatiana Massuno, Fernando Cordeiro, Luzia Tofalini e Sheron Tsuchiya, Luciano Cavalcanti, Adriana Barbosa e Letícia Araújo, Flávio dos Anjos, Maria Letícia Millás e Chris Royes ScharDOSim. Embora nem todos soubessem, o trabalho de cada um deles, na palavra mantida, honra hoje o trabalho de duas vozes silenciadas em pleno voo.

Os dez autores que aqui se inscrevem em sete textos magistrais tiveram a coragem de manter a palavra submetida, a despeito da longa espera por uma resposta. Bravamente demonstraram paciência mesmo quando não sabiam as circunstâncias dessa demora, o que nem sempre a correria da carreira nos permite. Deste modo, para nós que executamos a Revista, esses autores, com seus textos, restituíram dois sentidos do *sentido*: preencheram o significante vazio, o oco esmo do incontável da vida, aberto em abismos dentro de nós, e indicaram rotas no caminho desencantado que, diante do fato-fim inofismável da morte, tinha perdido o sentimento de uma finalidade e de um norte. Deus deu ao mar o perigo e o abismo, “mas foi nele que espelhou o céu”. E por isso valeu a pena!

Na primeira seção – **Vertentes e Interfaces I: Estudos Literários e Comparados** – deste heroico número de **fólio**, começamos por uma revolucionária crítica *queer* dos binarismos que constituíram a Natureza (com N maiúsculo) como o não-Humano, como um *fora* dos estados da cultura performada pelo homem, com seu H subrepticamente maiúsculo. Propõe, como saída, em lugar desse modelo binário de oposição cultura-natureza, homem-mulher, uma nova sensibilidade ecológica, sem dicotomias, em face dos avanços atrozes e dos efeitos nocivos da *civitas* sobre *natura*, nos estertores do desastre climático que o planeta atravessa, evidenciando que “nós” – ou talvez, melhor do que “nós”:

demonstrando que a *normatividade hegemônica*, ainda que detenha o poder hipersignificante do verbo, é mera parte insignificante desse planeta em agonia. Nesta direção, o primeiro artigo deste volume vai ao encontro da crítica do teor binário do humanismo iluminista nos interstícios semânticos do romance romântico de Mary Shelley, *Frankenstein*, recuperando a crise climática que o hemisfério norte atravessou no ano de sua produção, e em sua transleitura contemporânea, *Frankisstein*, de Jeanette Winterson, no contexto da crise climática atual.

Se a ancestralidade da Terra nos indistingue ecologicamente da natureza, a anterioridade do riso é propriedade do humano em Aristóteles, fundador do velho tópico lógico: “O Homem é o único animal que ri.” Ironicamente é pelo riso que esse *ántrpos*, o bípede-que-pensa, distingue-se: de um lado, dos outros animais, *alógoi*, destituídos de discurso, e, de outro, dos benévolos demônios, ou *daimones*, mais sábios e zelosos do que “nós”, em seus modos de discurso sem palavra. Como traço do humano, o riso aflora numa leitura perspicaz do humor como forma de ver (e de fazer-ver) o mundo, através do livro *O Xangô de Baker Street*, de Jô Soares.

Mais adiante, duas abordagens do *silêncio* se encontram. Por um lado, uma análise fina do não-dito, do *sugesto*, do implícito, na apresentação poética da louca, da maldita proscrita Benfazeja, na poética do conto de Guimarães Rosa. Por outro, uma crítica do apagamento da representação marginalizada, apontando o silenciamento operado como forma opressiva pela consagração canônica de autores-tipo, decalcados em traços demarcados por tipologias sociais, legadas pela persistência cultural do patriarcado sobre a ancestralidade feminina da Terra de que o humano é uma parte. Emergem assim duas poéticas convergentes, do autor, *maior*, e da autora, *menor*, que narram poesia que “faça acordar os homens/ e adormecer as crianças”, como o ensaio de canção do “Poema-orelha” de Drummond.

Enfim, das margens para o centro, das linhas do perímetro que demarcam fronteiras de marginalização para o coração do cartão postal do Brasil, é também um caminho de vozes misturadas que se fazem ouvir em “As Caravanas”, vozes rechaçadas pelas estruturas violentas do racismo e da opressão, que historicamente marcaram os choques étnicos em que se enraíza o povo brasileiro, ocultados sob a formação do ideal cordial do “brasileiro médio”.

A segunda seção deste mesmo volume – **Vertentes e Interfaces II: Estudos Linguísticos e Aplicados** – traz dois estudos de linguística crítica, dirigidos sobretudo à formação docente. Ambos os artigos abordam o ensino de língua estrangeira apresentando perspectivas descolonizadas e propostas descolonizadoras para o ensino das duas línguas

coloniais hegemônicas no mundo: o inglês e o espanhol para estrangeiros.

Tendo em mãos dados minuciosamente levantados entre docentes em formação, o primeiro trabalho cruza palavras de professores de inglês na fase inicial de suas atividades como agentes de educação, sistematizando dificuldades e problemas que podem tornar-se obstáculos para o sucesso docente. O segundo, abordando dicionários bilíngues espanhol-português como dispositivo de trabalho da atividade docente, apresenta um estudo lexicográfico-fraseológico que contrasta, compara e classifica efeitos de denotação, indicando limites, lacunas e deficiências na captura do sentido quando dicionários (des)consideram expressões idiomáticas, que trazem consigo justamente componentes culturais relevantes, singularidades efetivas para o domínio da língua, numa abordagem linguística perpectivada por usos territoriais.

É preciso por fim reconhecer e nomear a colaboração anônima e a disponibilidade generosa dos pares, que aceitaram sem contrapartida a tarefa de ler e avaliar estes e outros artigos submetidos, além dos editores: Marcus Assis Lima (UESB), Marília Moschkovich (USP), João Vichthor Alves da Silva (UNEB), Denilson Marques dos Santos (UEPA), Érica Bastos da Silva (UFRB), Leandro Antognoli Caleffi (USP), Maryllu Caixeta (UESB), Eliana Brandão Gonçalves (UFBA), Fernanda de Castro Modl (UESB), Natalino Perovano (UESB), entre outros que o descuido deixou de lembrar.

Sabemos que a palavra “voz” um dia, em dicionários e usos antigos, significou justamente “palavra”, antes de se ressemantizar como o ecoado sonoro do que produzimos no peito. Com efeito, entre os insterstícios ágrafos de um *folio* impalpável desta era digital, palavras desenham coisas tangíveis e inatingíveis, indicam dobras e fraturas, volumes e vazios, povoam arquipélagos navegáveis em que os significados transitam e se inventam. E mesmo, quando falta o sentido, palavras criam o vão, a abertura nova do impensado, novas rotas de navegação.

Ainda quando em tudo parece faltar um sentido, o que esta minha voz aqui tateia em apresentar é antes de tudo uma palavra de reverência e ressignificação em face de duas vozes ausentes, dois silêncios fecundos que calaram em nós. Entretanto, cada voz, *toda palavra*, não deixa de ser isso mesmo: uma ilha entre dois iatos. Mesmo na apresentação de uma publicação acadêmica, no fim, o que fazemos é esse breve empunhar do fugaz presente, a intangível substância transitória entre dois mistérios.

Em memória de Márcio Dias e Fabiana Andrade.

Vitória da Conquista, 31 de julho de 2024